

Sonoridades em prece: Poesia e música no Ofício Divino de Comunidades

*Daniela Oliveira dos Santos*¹

Resumo: Este trabalho se propõe a explorar aspectos voltados à poesia e música no Ofício Divino das Comunidades, trata-se de um excerto, produto de considerações pautadas em uma investigação de doutorado em andamento, a qual se intitula: “Entre preces, hinos e danças: a performance nas celebrações do Ofício Divino das Comunidades”. Para tanto, optou-se em observar as ações, gestos e símbolos que perpassam o ato de celebrar culminando, assim, em uma performance (LANGDON, 2006). O Ofício Divino das Comunidades encerra um repertório musical que possibilita enxergar a cultura a partir dos ritmos, das frases musicais e do texto poético, oportunizando um jeito de celebrar arraigado em memórias, sons, gestos, corpos e cosmos que se entrelaçam na celebração. Tecer um olhar para esses elementos, possibilita desvelar a celebração em seus múltiplos aspectos e, nesse intento, as concepções advindas dos estudos em Performances Culturais, Música, Teologia e Antropologia se fizeram pertinentes. Ao elencar um repertório musical enraizado nas matrizes culturais brasileira, o Ofício Divino das Comunidades favorece a experiência celebrativa a partir da música e poesia, da dança e dos gestos.

Palavras-chave: Performance, Ofício Divino das Comunidades, Música e Poesia

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo explorar aspectos voltados à poesia e música no Ofício Divino das Comunidades, trata-se de um excerto, produto de considerações pautadas em uma investigação de doutorado em andamento, a qual se intitula: “Entre preces, hinos e danças: as performances nas celebrações do Ofício Divino das Comunidades”.

A pesquisa está sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais - Área Interdisciplinar da UFG. O programa tem colaborado para se pensar a temática acionando campos distintos do conhecimento, dentre eles, a Antropologia, Sociologia, Teologia e Artes. Para, além disso, destaco o olhar em especial que as Performances Culturais têm proporcionado ao engajamento corporal, sensorial e emocional para com o estudo em questão. Nesse sentido, o pensamento de Langdon é esclarecedor ao revelar a experiência multissensorial nos estudos em performances: “a experiência de performance se localiza na sinestesia, ou seja, na experiência simultânea dos vários receptores sensoriais recebendo os ritmos, as luzes, os cheiros, a música, os sons em geral e o movimento corporal” (LANGDON, 2006, p. 175).

A fim de que se possam vislumbrar nas celebrações do Ofício Divino das Comunidades as performances que dele emana, o estudo volta-se a uma perspectiva pautada na observação da experiência expressiva e sensorial, de sonoridades, de gestos, de símbolos e corpos, o que

¹ Doutoranda em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e professora de Artes no Instituto Federal de Goiás – Câmpus Itumbiara (IFG). E-mail: danielaoliveira@ufg.edu.br

culminará em sua análise. Para Peirano (2006), os rituais possuem uma estrutura que possibilitam tal ação:

Rituais podem ser vistos como tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados, mais estáveis e, portanto, mais suscetíveis à análise porque já recortados em termos nativos – eles possuem uma certa ordem que os estrutura, um sentido de acontecimento cujo propósito é coletivo, uma eficácia *sui generis*, e uma percepção de que são diferentes. (PEIRANO, 2006, p. 10)

Neste artigo, será dado destaque à música e poesia advindas do O Ofício Divino das Comunidades (ODC), as quais sejam nos versos dos salmos, cânticos e hinos, e em seus ritmos e frases musicais favorecem a “participação ativa e consciente” (SC 11, 14) dos celebrantes. Em específico, a autora apresentará uma análise da versão do Salmo 36 (35) do ODC e algumas reflexões sobre a música no contexto celebrativo e as performances que esta suscita.

1 OFÍCIO DIVINO: UMA BREVE TRAJETÓRIA

Para uma melhor compreensão acerca do Ofício Divino das Comunidades é necessário trazer à luz uma breve exposição sobre o Ofício Divino ou Liturgia das Horas: “A Liturgia das Horas, como as demais ações litúrgicas, não é ação particular, mas algo que pertence a todo o corpo da Igreja e o manifesta e atinge” (IGLH, 2004, p. 23). É uma oração que contempla em sua estrutura salmos, hinos e leituras bíblicas: “Segundo a tradição cristã, ela tem a característica, entre as demais ações litúrgicas, de consagrar todo o curso do dia e da noite” (Idem, p. 18).

As laudes compreendem a oração da manhã, e, as vésperas, a oração da tarde, constituindo assim, os dois pólos do Ofício Divino: na oração, o tempo é evocado, não somente em seu sentido cronológico, mas também, nos sinais que o identifica: a alvorada, os raios luminosos, o cair da tarde, as trevas, o frio, o calor.

Rememorando os primeiros passos, em 1970 o Papa Paulo VI aprovou uma edição típica em latim, já que os livros utilizados nos mosteiros não eram acessíveis à toda a Igreja. As comissões episcopais de cada país se encarregaram de traduzir as orações, assim, a tradução brasileira da Liturgia das Horas, foi publicada em 1995. Cabe ressaltar, que o Brasil teve a liberdade de conceber uma tradução própria, a partir de um acordo com Portugal:

Precisaríamos de uma tradução exata, recitável e bonita. Creio que nosso texto do saltério em português é magnífico. Graças ao acordo da Buraca com os portugueses, os textos da Liturgia das Horas não precisavam ser comuns aos dois países, o que facilitou muito. (...) O Brasil pode se gloriar de ter a melhor versão dos livros da Liturgia das Horas, melhor que a França, a Espanha e a Itália (ISNARD, 2002, p. 4).

Ávidos em elaborar uma proposta mais próxima ao jeito de celebrar latino-americano, um grupo de onze pessoas se reuniu, em 1987, para construir um ofício divino popular que chegasse mais próximo à realidade das CEB's (Comunidades Eclesiais de Base), movimento popular católico. O Ofício Divino das Comunidades traduz-se em uma expressão da fé em palavras, gestos, em que "(...) as horas do dia, o nosso viver, toda a criação e toda a história pertencem a Deus" (OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, p. 7-8). Revela-se assim, em "uma tentativa de inculturação da liturgia das horas, não apenas simplificada em uma versão mais breve, mas, sobretudo transformada num jeito de rezar que sirva melhor às nossas comunidades" (Idem).

A preocupação em valorizar elementos da cultura do povo que celebra é uma relevante no Ofício Divino das Comunidades. Carpanedo (2006) destaca que, "em cada caso, a inculturação é o encontro entre a liturgia e a cultura, de tal maneira que a liturgia vai aí se expressar através da linguagem própria desta cultura" (CARPANEDO, 2006, p. 55).

Em se tratando da linguagem musical, esta revela traços que marcam um povo, em seus ritmos, frases musicais e estrutura harmônica das canções. A fim de observar os elementos musicais e extramusicais que revelam a cultura a partir das celebrações do ODC, segue uma reflexão acerca da versão do Salmo 36 (35).

2 CANTANDO O LOUVOR DA MANHÃ: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO SALMO 36 (35)

Salva os homens e os animais, Senhor,
Como é precioso, ó Deus, o teu amor!
Deste modo, os filhos de Adão
se abrigam à sombra de tuas asas.
Eles ficam saciados com a gordura de tua casa,
tu os embriagas com um rio de delícias;
pois a fonte da vida está em ti,
e com tua luz nós vemos a luz. SALMO 36 (35)

Morin (2001) destaca: "Somos filhos do cosmo, mas, até em consequência de nossa humanidade, nossa cultura, nosso espírito, nossa consciência, tornamo-nos estranhos a esse cosmo do qual continuamos secretamente íntimos" (MORIN, 2021, p. 38). Seria então a prática religiosa, um lugar em que a relação homem/tempo/cosmos possa desabrochar?

O tempo, que rege as horas e a vida, muitas das vezes tem passado despercebido em meio a tanto corre-corre: rotina, pressa, compromissos acumulados... Nem mesmo o descanso, tem tido o seu merecido tempo em nossas vidas. Como o tempo é percebido em nossas ações cotidianas? Muitas das vezes, fechados entre quatro paredes, passam-se dias e noites e, em meio a tantas preocupações, não conseguimos fruir a própria vida.

Ao destacar que “toda a vida é liturgia”, o convite apresentado no prefácio do ODC, desperta para uma mudança de paradigma (OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, p. 7, 2018). Vivenciar o tempo em nossa prática cotidiana, eis o que exprime o ODC: “Quando o dia amanhece e o sol se levanta no horizonte fazendo resplandecer a natureza, acordamos para louvar a Deus” (Ibid, p. 9). Certo da proteção divina declarada na expressão “da nossa vida vós cuidareis”, a versão do o salmo 36 (35) elucida os elementos visíveis da natureza que nos ajudam a conectar, logo pela manhã, com o sagrado. Em especial, a utilização das figuras de linguagem, tais como “sob a sombra das asas de Deus”, alude ao cuidado dos pássaros para com os seus filhotes; uma imagem que elucida o cuidado de Deus para com os seus filhos.

SALMO 36(35),6-11 - Melodia 1
Refrão 1

Versão: Liturgia das Horas
Melodia: Série "Povo de Deus"

Tom salmódico D.C. ao FIM

**Em vós, ó Senhor, esperamos,
Da nossa vida vós cuidareis.**

- Vosso **amor** chega aos céus, ó Senhor,
Chega às **nuvens** a vossa verdade.
- Como as **altas montanhas** eternas
É a **vossa justiça**, Senhor.

- Os **vossos** juízos superam
Os **abismos** profundos dos mares.
- Os **animais** e os humanos salvais:
Quão preciosa é, Senhor, **vossa graça!**

- Eis que os **filhos** dos homens se abrigam
Sob a **sombra** das asas de Deus.
- Na **abundância** de vossa morada,
Eles **vêm** saciar-se de bens.

- Vós lhes **dais** de beber água viva,
Na **torrente** das vossas delícias.
- Pois em **vós** está a fonte da vida,
E em vossa **luz** contemplamos a luz.

- **Conservai** aos fiéis a vossa graça
E aos **retos**, a vossa justiça.
- Toda **glória**, ó Deus, nós vos damos,
E **louvores** alegres cantamos.

Os salmos do ODC foram traduzidos para uma linguagem poética emoldurados por melodias e ritmos inspirados pela música popular e folc música brasileira. Nesse aspeto, Souza (1966) revela a relevância da música folclórica na liturgia cristã:

É pacífico entre os musicólogos que a música sagrada cristã absorveu elementos folclóricos; só estes – por essência, “básicos”, e ao mesmo tempo, elementares – puderam oferecer para a arte educativa da Igreja uma universalidade de estética, humana e musical, cuja eficácia pedagógica deriva do fato de ser o folclore musical uma arte instintiva, que plasma, na alma da criança e na do povo, uma inconsciência e uma subconsciência musical. (SOUZA, 1966, p. 10)

O ODC contém um vasto repertório de composições musicais que enaltecem a música brasileira em seus ritmos, frases musicais e texto poético, oportunizando, assim, um jeito de celebrar arraigado na cultura do povo. Ao priorizar as composições enraizadas nas matrizes da música brasileira, o ODC favorece um rico diálogo entre a prática celebrativa e a cultura, nesse aspecto, a música traduz-se em uma performance evidenciada nas vozes e nos corpos dos celebrantes.

De acordo com Finnegan, “(...) para analisar a palavra *cantada* precisamos entendê-la como performatizada, encenada por meio da voz – afinal, o canto é em si próprio entendido como um marcador de “performance” (FINNEGAN, 2008, p. 19, grifos da autora). Segundo a autora é necessário tecer uma análise da canção para compreendê-la e sua preocupação está em analisar o texto, música e execução em conjunto e na ação.

Em se tratando da versão do salmo 36, o compositor fez a opção pela tonalidade maior, o que conferiu uma música vicejante, atributos esses, estampados também no dia que nasce e na natureza que desperta. Favorecendo o texto, enquanto este se faz melodia, é notório o quanto ambos se enlaçam na tonalidade maior, especialmente o refrão, salta em intervalos ascendentes, conforme demonstrado na partitura.

Presente no salmo 36, a síncopa melódica endossa o diálogo que o ODC sustenta em favor da valorização da cultura brasileira: “Esta (*a síncopa*) nos veio da África e de Portugal (...). Já se encontra sistematizada pelo povo, na música vocal especialmente” (SOUZA, 1966, p. 49, grifos meus). A síncopa está no samba e no baião, no caruru e no cateretê, no chorinho e também no maracatu, igualmente, ela está presente no canto do celebrante do ofício. A síncopa evidencia o refrão do salmo, ressaltando a certeza e a esperança do cuidado de Deus para com os seus filhos.

Não somente na melodia, como também no ritmo que acompanha o salmo 36 (35), percebe-se a preocupação do compositor ao destacar a musicalidade brasileira. A marcha-frevo, um ritmo originário da marcha-rancho, expressa vigor e entusiasmo, soando mais acelerado que seu precedente.



Célula Rítmica Marcha-Rancho

Conduzindo o celebrante ao louvor da manhã, o ritmo utilizado no refrão, irradia a alegria do esperançado e o impele para o agradecimento a Deus. O compasso binário e a marcação acentuada da marcha-frevo suscitam um canto alegre, que sai da boca dos esperançados.

As propriedades musicais e textuais presentes no salmo 36 (35) colaboram para que o celebrante se conecte ao rito, dele participando de forma ativa. Ao atribuir sonoridades (ritmos, melodias) que dialogam com a cultura dos celebrantes, o ODC conduz o participante a reconhecer-se a partir do ato celebrativo.

CONCLUSÃO

Ao cantar o salmo 36 (35), ouvindo o canto dos pássaros e contemplando os primeiros raios do sol, o celebrante é convidado a aguçar os seus sentidos: ouvindo, olhando, e caso a celebração aconteça ao ar livre, sentindo o sol a entranhar sua pele. Todas essas sensações que emergem da celebração concedem maior significado aos celebrantes: na voz que ecoa, nos gestos e na dança, a prática religiosa proporciona experiências significativas, as quais os celebrantes poderão lograr ao longo de suas vidas.

O rito se desdobra em uma série de ações que se voltam ao olhar, sons, cheiros, gestos, corpos; ações essas que propiciam compreender uma celebração como um ato performático.

O louvor de Deus se realiza na comunhão dos irmãos e irmãs, por meio da Palavra e dos gestos simbólicos. É importante, então, que cuidemos do espaço, das cores, do visual, da gestualidade... para que o ofício envolva toda a pessoa. (OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES, p. 14, 2018)

Celebrar envolve ações e sentidos, os quais se entremeiam e juntos desencadeiam na ação ritual. Nesse sentido, Bonnacorso (2015) colabora ao esclarecer que um ritual recorre às linguagens não verbais, pois, são formas de comunicação mais antigas que a linguagem verbal:

Os rituais são feitos de movimentos, espaços, imagens, gestos, perfumes, contatos, ou seja, de formas de expressão mais aderentes à vida, enquanto os mitos carecem de palavra e estão submetidos à tendência da língua de combinar as elaborações conceituais abstratas, que são mais recentes, tanto no nível da evolução humana quanto no nível do desenvolvimento individual (CARVALHO; MARTINS FILHO; 2020, p. 15-16).

A fim de compreender esses elementos, considero os estudos em performances consideravelmente importantes, pois, a ação ritual desperta interesse naquilo que acontece quando do ato celebrativo:

(...) danças, cantos, músicas, narrativas, jogos, brincadeiras, procissões, dramatizações, festas e festivais, manifestações sociais e políticas, rituais de vida e de morte recebem especial atenção, não apenas pelas interpretações ou pelas leituras do social que possibilitam, mas, sobretudo, pelos aspectos simbólicos, expressivos, poéticos, estéticos, políticos e reflexivos que evocam e que produzem. (HARTMAN; LANGDON, p. 1-2, 2020)

O estudo do rito permite conhecer como as ações são desencadeadas em um movimento de gestos, palavras, corpos e danças. Assim, de acordo com Buyst (2007) “Podemos dizer

que é um gesto ou um conjunto de gestos ou ações simbólicas, escolhidas por um determinado grupo de pessoas (um povo, uma tribo, um movimento...), para expressar sua identidade” (BUYST, 2007, p. 23).

Na perspectiva de futuros apontamentos, especialmente naquilo que o ODC apresenta em favor de uma celebração que abraça a cultura, é possível avistar um campo profícuo de estudos acerca das performances. Nesse sentido, o caminho percorrido até aqui não tem como intuito exaurir a temática, mas, ao contrário, os apontamentos apresentados, colaboram para a construção de reflexões vindouras acerca das performances que o Ofício Divino das Comunidades revela.

REFERÊNCIAS

BUYST, Ione. Celebrar com símbolos. São Paulo: Paulinas, 2007.

CARPANEDO, Maria da Penha. Ofício Divino das Comunidades: Liturgia das Horas inculturada. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática: Liturgia) – Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

CARVALHO; Daniel. MARTINS FILHO, José Reinaldo. A força do rito: entrevista a Giorgio Bonaccorso. Revista de Liturgia, São Paulo, 281, p. 15-19, setembro/outubro, 2020.

FINNEGAN, Ruth. O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance? In: MATOS, Cláudia N.; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda T. (Orgs.) Palavra cantada: ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008. p. 15-43.

HARTMANN, Luciana; LANGDON, Esther Jean Langdon. Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil. BIB, São Paulo, n. 91, 2020. pp. 1-31.

ISNARD, Clemente. Os primórdios da reforma litúrgica no Brasil. Conferência Encontro dos liturgistas do Brasil, 2002.

INSTRUÇÃO Geral sobre a liturgia das horas. in Ofício Divino, renovado conforme o decreto do Concílio Vaticano II, liturgia das horas segundo o rito romano I, advento e tempo de Natal. São Paulo: Paulus, 2004.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: a

Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. Ilha Revista de Antropologia. Florianópolis, v. 8, n. 1 e 2, p. 163-183, 2006.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

PEIRANO, MARIZA. “Temas ou teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance”. Campos, 7(2): 9-16, 2006.

SACROSSANCTUM CONCILIUM. Paulus: São Paulo, 1997. Constituição Pastoral Gaudium et Spes. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.

SOUZA, José Geraldo de. Folcmúsica e liturgia: subsídios para o estudo do problema. Petrópolis: Vozes, 1966.